



O “Si-Mesmo” (*Selbst*) como a condição da extemporaniedade nos textos *Schopenhauer como Educador* e *Richard Wagner em Bayreuth* de Friedrich Nietzsche

Paulo Rogério da Rosa Corrêa¹

Roberta Soares de Melo²

Resumo: O artigo propõe que a noção de “Si-mesmo” (*Selbst*) presente na filosofia de Friedrich Nietzsche fornece a condição para a extemporaniedade, problematizada pelo filósofo nos textos *Schopenhauer como educador* e *Richard Wagner em Bayreuth*. Pensamos que o adjetivo extemporâneo (*unzeitgemäss*) designa aquele que supera em si mesmo as questões mais proeminentes de seu tempo e é justamente nesses dois textos da juventude que Nietzsche credita essa condição ao filósofo Arthur Schopenhauer e ao dramaturgo Richard Wagner. Ambos são tornados modelos que possibilitam a Nietzsche contrapor-se aos hábitos massificados da época moderna. A consequência é a identificação de que Schopenhauer e Wagner permanecem fiéis ao “Si-mesmo superior” (*höheren Selbst*) fato fundamental que os diferencia do Si-mesmo do homem moderno, saturado pela covardia, pelo temor e pela avidez em sair de si mesmo. O trabalho tem como proposta metodológica uma análise imanente aos dois textos de Nietzsche em diálogo com o contexto e com o repertório filosófico mobilizado pelo autor no período da juventude.

Palavras-chave: Si-mesmo. Extemporaniedade. Schopenhauer. Wagner

Abstract: This article proposes that the notion of “Self” (*Selbst*) present in the philosophy of Friedrich Nietzsche provides the condition for extemporaneity, problematized by the philosopher in the texts *Schopenhauer as Educator* and *Richard Wagner in Bayreuth*. We believe that the adjective extemporaneous (*unzeitgemäss*) designates that which transcends within itself the most prominent issues of its time, and it is precisely in these two early texts that Nietzsche credits this condition to the philosopher Arthur Schopenhauer and the playwright Richard Wagner. Both are made into models that enable Nietzsche to oppose the massified habits of the modern era. The consequence is the identification that Schopenhauer and Wagner remain faithful to the “superior Self” (*höheren Selbst*), a fundamental fact that differentiates them from the Self of modern man, saturated by cowardice, fear, and the eagerness to escape himself. This work proposes a methodological analysis of two texts by Nietzsche, engaging with the context and philosophical repertoire employed by the author during his youth.

Keywords: Self. Extemporaneity. Schopenhauer. Wagner

1 Doutor em filosofia pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Professor de filosofia do Instituto Federal da Fronteira sul (IFSUL-Bagé). E-mail: rogeriocorreafil@gmail.com Endereço: Avenida Leonel de Moura Brizola, 2501 - Bairro Pedra Branca, Bagé/RS. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0607-8450>.

2 Doutoranda em filosofia pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Professora de filosofia do estado do Rio de Janeiro. E-mail: betafilosofia@gmail.com. Endereço: Rua São Francisco Xavier, 524, Pavilhão Reitor João Lyra Filho, 9º andar, Bloco F, sala 9002-B, Maracanã, Rio de Janeiro - RJ. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0850-388X>.

INTRODUÇÃO

No projeto das *Considerações extemporâneas*³ Nietzsche se define como um extemporâneo na precisa intenção de fustigar a cultura e os hábitos modernos. Na terceira e na quarta dessas considerações utiliza-se das figuras de Schopenhauer e de Wagner como modelos para valorar o que considera ser as características mais importantes da extemporaneidade. É nesse entendimento, que o artigo propõe a noção de “Si-mesmo” (*Selbst*) como uma condição para que a questão da extemporaneidade possa ser pensada nos textos *Schopenhauer como educador* e *Richard Wagner em Bayreuth*. Extemporâneo (*unzeitgemäß*) se refere a condição de quem supera em si mesmo as questões mais prementes de seu tempo. O adjetivo designa, portanto, aquele que não apenas está “deslocado” em relação ao seu tempo, mas que sobretudo se coloca como antípoda em relação às diretrizes vigentes desse tempo (Cf. CARBONEZI, p.222, 2016).

Na terceira e na quarta *Extemporâneas* Nietzsche se refere de maneira contundente ao “Si-mesmo” de Schopenhauer e de Wagner para avaliar a extemporaneidade deles. A recorrência do advérbio “*Selbst*” — especialmente em sua forma substantivada (“*Das Selbst*”) —, bem como o acréscimo do adjetivo “superior” possibilita a Nietzsche fazer a distinção entre o “Si-mesmo superior” (*höheren Selbst*) do filósofo e do artista e o Si-mesmo do homem moderno. Neste contexto, o “Si-mesmo” assinala àquilo que é o mais próprio e insuprimível a um determinado indivíduo, a uma tipologia ou então a uma cultura.⁴ É nesse entendimento que Nietzsche fustiga o Si-mesmo do homem cotidiano, saturado pela covardia e pelo temor e o diferencia do “Si-mesmo superior” de Schopenhauer e de Wagner, tomados como modelos visando justamente à contraposição a um tempo empregnado pela massificação de hábitos e costumes.

Podemos argumentar que é a partir da cultura grega, tomada como referência desde *O Nascimento da tragédia*, que Nietzsche avalia os vetores fundamentais da modernidade. Tal fato é delineado no prefácio da segunda *Extemporânea*, quando o filósofo se arvora como um “pupilo” da época grega. “E que eu, somente na medida em que sou pupilo de uma época

3 São quatro as obras que compõem o projeto das *Considerações Extemporâneas*: A primeira se dedica a investigar a figura de *David Strauss* como “devoto” e “escritor”. A segunda investiga as diferentes concepções de história, a terceira e quarta são dedicadas a Arthur Schopenhauer e a Richard Wagner, respectivamente. A discussão sobre a extemporaneidade está presente também em textos tardios, como *Ecce Homo* e na seção “Incursoes de um extemporâneo” de *Crepúsculo dos Ídolos*, ambas as obras de 1888.

4 A forma gramatical “si mesmo” exerce diversas funções na língua alemã. A forma mais comumente usada para designa-lo é “*selbst*”, o qual pode ser classificado como advérbio, conjunção, adjetivo pronominal (pronomine adjetivo) ou pronome reflexivo, nessa última forma, indica o sujeito da oração que realiza uma ação voltada para si próprio. Em formações compostas têm equivalente na língua portuguesa ao prefixo “auto”. Nietzsche faz um uso bastante peculiar das formas adverbiais utilizando-as, por vezes, como substantivos. O “Si-mesmo” na forma substantivada aparece por diversas vezes em quatro obras: “Sê tu mesmo” (*Sei du Selbst*) e “Si-mesmo superior” em *Schopenhauer como educador* (NIETZSCHE, SE/Co. Ext. III §1. 2020, p.04). Esta última forma aparece também em *Richard Wagner em Bayreuth* e na obra subsequente *Humano, demasiado humano I*. Em *Aurora* tem lugar a expressão “Si-mesmo autêntico” (*Eigentliche Selbst*) (NIETZSCHE, M/A §50. 2016, p.42) e em *Assim falou Zaratustra* “o Si-mesmo” (*das Selbst*) (NIETZSCHE, Za/ZA I, “Dos desprezadores do corpo”. 2020, p.32). Quanto a grafia, vamos usar “Si-mesmo” para indicar a forma substantivada (letra inicial maiúscula e com hífen) e “si mesmo” (letra inicial minúsculas e sem hífen), para indicar o advérbio reflexivo.

mais antiga, ou seja, da grega, posso vir a ter, como um filho da época atual, experiências tão extemporâneas (NIETZSCHE. HL/Co. Ext. II. "Prefácio". 2017, p.31)⁵. Tal constatação pode ser verificada também na ocasião em que revisita o projeto das *Considerações Extemporâneas* em *Ecce Homo*. Nietzsche identifica seu olhar extemporâneo sobre a modernidade como uma denúncia daquilo que considerava "perigoso, de corrosivo e contaminador da vida em nossa maneira de fazer ciência: a vida *enferma* desse desumanizado engenho e maquinismo, da 'impessoalidade' [...]" (NIETZSCHE. EH/EH, "As extemporâneas", §1. 2008, p.64). Assim, a denúncia centra-se sobre os aspectos da uniformidade e da "impessoalidade" que atingem "todos os substratos da cultura" moderna. Ora, se a noção de Si-mesmo pode ser entendida como aquilo que é mais próprio e insuprimível, então podemos lançar mão da hipótese de que ela fornece, justamente, a condição para que Nietzsche possa abordar a questão da extemporaneidade.

O trabalho está dividido em duas partes. A primeira se ocupa em identificar as observações de Nietzsche a respeito de Schopenhauer e sua relação com o "Si-mesmo". A segunda parte investiga o "Si-mesmo superior" de Richard Wagner como condição para a extemporaneidade do artista. Em ambas as partes foram abordados três pontos: 1- a fidelidade de ambos a si mesmo, 2- os riscos que corriam diante da modernidade e 3- a transformação de ambos em modelos que Nietzsche se utiliza para fustigar a cultura moderna.

1 OBSERVAÇÕES DE NIETZSCHE A RESPEITO DE SCHOPENHAUER E SUA RELAÇÃO COM O "SI-MESMO".

Uma vez sopesada a cultura moderna, o problema a ser posto em evidência gira em torno da possibilidade de recuperar a autenticidade perdida, haja vista que, na posição de extemporâneo, Nietzsche constata que o homem moderno tem entre suas características predominantes a covardia e o temor em relação a opinião alheia. É precisamente neste entendimento que a fórmula "Sê tu mesmo" (*Sein du Selbst*) remete a busca pela autenticidade. "O homem que não quer pertencer à massa tem somente que cessar de acomodar-se em relação a si mesmo; ele segue sua consciência, que lhe brada: 'Sê tu mesmo!'" (NIETZSCHE. SE/Co. Ext. III §1. 2020, p.04).⁶ Nessa formulação está em jogo o resgate sobre aquilo que *se é*. Questão que passa por desacomodar-se consigo mesmo, pela quebra da letargia, do comodismo e da inércia e igualmente por desgarrar-se do coletivo uniforme, por aspirar a si mesmo e se responsabilizar pela direção da própria existência. "Queremos ser também os timoneiros efetivos de nossa existência e não admitir que ela se equipare a uma casualidade sem pensamentos [...]" (NIETZSCHE. SE/Co. Ext. III §1. 2020, p.06). Trata-se, portanto, de

5 A tradução da *Considerações Extemporânea II* é de autoria de André Itaparica, da *Extemporânea III* é de Clademir Araldi, da *Extemporânea IV* é de Anna Cavalcanti. Nesta última, fizemos modificações quando julgamos necessárias. A tradução do *Fragmento Póstumo* 12[31] – Final do verão de 1875 é de nossa autoria.

6 O contexto sugere uma crítica à massificação com a decorrente perda daquilo que é próprio como "essência autêntica" (*wahres Wesen*) do "indivíduo" (*Einzelnen*). Neste sentido, a responsabilidade é um aspecto necessário para recuperar a "essência autêntica". O que significa romper o medo e a preguiça como traços característicos do homem moderno. "Temos de nos responsabilizar pela nossa existência diante de nós mesmos" (NIETZSCHE. SE/Co. Ext. III §1. 2020, p.08).

uma responsabilidade sobre si mesmo perante os diversos acontecimentos. Fato que implica afastar-se da preguiça e da inércia perante aos riscos e aos perigos. Contudo, Nietzsche questiona: “Mas o que coage o indivíduo singular a temer o vizinho, a pensar e a agir em conformidade com o rebanho e não estar satisfeito consigo mesmo?” (NIETZSCHE. SE/Co. Ext. III §1. 2020, p.03-04). Identifica-se uma série de comportamentos que conduz os indivíduos ocultarem-se no anonimato da opinião pública, a figurarem como “produtos de fábrica” e a “esconderem debaixo de costumes e opiniões”. Em outras palavras, a indolência, a vergonha e a insatisfação consigo mesmo ditam as regras aos homens modernos, como consequência eles temem a fadiga que lhes causaria uma “honestidade e uma nudez incondicionais” (NIETZSCHE. SE/Co. Ext. III §1. 2020, p.06). Essa preocupação leva Nietzsche a lançar mão da metáfora do caminho. “Há no mundo um único caminho, pelo qual ninguém além de ti pode seguir. Para onde ele conduz? Não pergunte, trilhe-o (*Idem; Ibidem*, p.06). Não resta outra alternativa ao indivíduo se não a de seguir somente a si mesmo, de modo que seguir a opinião alheia repõe o comodismo e a covardia: “Ninguém pode construir para ti a ponte, sobre a qual precisamente tu deves caminhar acima do rio da vida, ninguém mais além de ti” (*Idem; Ibidem*, p.06). O preço de não seguir a si mesmo é uma hipoteca de si mesmo, a entrega a toda sorte de “controladores e regradores da vida” (*Idem; Ibidem*, p.06). Nietzsche faz, assim, uma exortação à busca de responsabilidade como tarefa intransferível daquele que deve visar somente a si mesmo.⁷ Este o primeiro ponto relevante para a condição da temporariedade, pois coloca quem segue apenas a si mesmo em oposição à maioria, incapaz de tal movimento.

A problematização sobre como o homem pode buscar e conhecer a si mesmo, leva Nietzsche a trazer a figura de Schopenhauer como o “educador autêntico”, como aquele que pode auxiliar na difícil tarefa da busca. Neste entendimento, o papel dos “educadores e formadores autênticos” é fundamental, pois são eles que “adivinham” o “sentido originário autêntico” dos indivíduos que a eles se dispõem (NIETZSCHE. SE/Co. Ext. III §1. 2020, p.08). Em outras palavras, cabe aos educadores o papel decisivo na busca do “Si-mesmo”. Assim, Schopenhauer é indicado como “o filósofo certo”, como aquele que verdadeiramente se conecta aos anseios de educar a si-mesmo. Neste aspecto, se difere das “melhores personalidades” dos tempos modernos as quais lhes falta honradez e “inadequação no confiar em si mesmo” (NIETZSCHE. SE/Co. Ext. III §2. 2020, p.14).

7 Diante de toda sorte de “controladores e regradores” o jovem Nietzsche questiona: “como encontramos de novo a nós mesmos? Como pode o homem conhecer a si mesmo?” Em meio à massificação moderna o questionamento tem a precisa intenção de colocar o homem em contato novamente consigo. Nietzsche indica, assim, um movimento que deve se realizar “para fora” e “para o alto”. “Para fora” justamente por que é preciso identificar os objetos venerados e “para o alto”, pois também indica superação e ultrapassamento. É a partir desse duplo movimento que tem lugar a não identificação entre o Si-mesmo e eu, isto é, uma coisa é o “eu”, outra é o Si-mesmo. “Tua essência autêntica não está profundamente oculta em ti, mas imensamente acima de ti ou, pelo menos, acima daquilo que tu habitualmente presumes ser teu eu” (NIETZSCHE. SE/Co. Ext. III §1. 2020, p.07). A “essência autêntica” tal qual a “lei fundamental do Si-mesmo” distingui-se tanto daquilo entendido como “interior”, quanto daquilo que é presumido como “eu”. É neste entendimento que o reencontro de si mesmo pressupõe um elevar-se acima do “eu”.

Nietzsche identifica na figura de Schopenhauer características como a honestidade incondicional, a serenidade e a constância, e assinala que o autor de *O mundo como vontade e representação* “fala e escreve por si mesmo e para si mesmo”. Portanto, não escreve para agradar uma massa ou tornar-se um funcionário a serviço do estado. “Ele é honesto, porque fala e escreve por si mesmo e para si mesmo; sereno, porque venceu o mais pesado através do pensamento; e constante, porque ele assim deve ser” (NIETZSCHE. SE/Co. Ext. III §2. 2020, p.19). Dessa forma, ao falar e escrever para si mesmo, Schopenhauer se torna um extemporâneo, pois se afasta de seus contemporâneos no sentido que estes procuram a todo custo agradar. Em outras palavras, torna-se um modelo capaz de tomar consciência de seu caráter único e através de seu “brilho insólito” e “estranho” torna-se “insuportável” para a maioria moderna propensa à preguiça. Não por acaso, a modernidade ameaçava Schopenhauer de tal modo que poderia levá-lo ao isolamento, ao endurecimento e a incomunicabilidade, ou seja, poderia leva-lo ao “abandono de si mesmo” (NIETZSCHE. SE/Co. Ext. III §3. 2020, p.32-33). Todavia, ele foi capaz de desviar e de ultrapassar os perigos que o acometiam.

A aspiração por uma natureza forte, por uma humanidade sadia e simples, era nele uma aspiração por si-mesmo (*eine Sehnsucht nach sich selbst*); e, assim que ele venceu o tempo em si mesmo, ele teve também de contemplar em si mesmo, com olhar admirado, o gênio (NIETZSCHE. SE/Co. Ext. III §3. 2020, p.36).⁸

A constatação de que Schopenhauer não estava engajado diretamente em mudar os tempos modernos fez com que ele se tornasse um modelo para uma intervenção no campo da educação e da cultura justamente pelo fato de que primeiro procurou a si mesmo. Ao aspirar a si mesmo ele também aspira a uma natureza forte. Nietzsche alude, assim, ao fato de que, ao falar e escrever para si mesmo, Schopenhauer acaba por consagrar a natureza e realizá-la, de modo que passa a visualizar algo mais elevado e humano do que a si mesmo. Podendo, assim, se reconhecer pleno no conhecer e no amar e se inclinando na natureza como juiz e avaliador das coisas.

Dessa forma, tomado como modelo de educador, Schopenhauer serve de âncora para que Nietzsche possa introduzir a concepção de “Si-mesmo superior”. A junção das palavras “*höheren*” e “*selbst*” aparece pela primeira vez na seção 6 da terceira *Extemporânea*. É neste contexto que Nietzsche associa o “Si-mesmo superior” ao “conhecimento de si-mesmo” (*Selbsterkenntnis*) e ao amor visando justamente aquilatar a possibilidade de assertividade nessa busca. Todavia, conclui que não é possível nem ensinar a amar, nem o conhecimento de si mesmo. Esse movimento deve ser realizado pela alma.

Somente no amor a alma ganha o olhar sereno, dissipador e desprezador de si mesma, mas também aquele desejo de olhar para além

⁸ Nietzsche problematiza a questão do “gênio” como algo que nasce do reconhecimento profundo de si mesmo, uma força interna que surge quando o indivíduo se eleva e se contempla. Trata-se de uma força que emerge da superação de si mesmo. É assim que também nesse aspecto Schopenhauer rompe com aquilo que é venerado por seu tempo.

de si mesma, de buscar com todas as forças o Si-mesmo-superior, escondido ainda em algum lugar (NIETZSCHE. SE/Co. Ext. III §6. 2020, p.64-65).

Através do amor, a alma pode, a um só tempo, levar adiante o desprezo por si mesmo e o desejo de olhar para além de si mesmo e assim buscar o “Si-mesmo superior”. O desprezo por si mesmo está ligado ao reconhecimento da insuficiência de si mesmo de cada indivíduo singular que para tal deve dispor seu “Si-mesmo superior” em relação a um “grande homem”. Dessa forma, em suas características o “Si-mesmo superior” difere do Si-mesmo do homem massificado. No primeiro o indivíduo visa somente a si mesmo e a partir dessa métrica acaba por ir além de si-mesmo. Diferença fulcral em relação ao homem moderno que tem como objetivo sair de si-mesmo utilizando da massa para tal. A decorrência é um enterrar-se em si mesmo, naquilo que “habitualmente” se presume como “teu eu” (NIETZSCHE. SE/Co. Ext. III §1. 2020, p.08).

2 O “SI-MESMO SUPERIOR” DE RICHARD WAGNER COMO CONDIÇÃO PARA A EXTEMPORANIEDADE DO ARTISTA.

Se na terceira *Extemporânea*, Nietzsche reflete sobre a possibilidade da busca pelo “Si-mesmo superior”, na quarta ele se refere diretamente ao “Si-mesmo superior” de Richard Wagner identificando aspectos que o tornam um “artista ditirâmico”.

O contexto da obra *Richard Wagner em Bayreuth* aponta para o elogio e a grandiosidade de Wagner que “não somente atravessa o fogo dos diferentes sistemas filosóficos, sem temor, mas também o vapor do saber e da erudição, permanecendo ao mesmo tempo fiel a seu Si-mesmo superior” (NIETZSCHE. WB/Co. Ext. IV §3. 2008, p.31. Trad.: Modificada). Em outras palavras, Wagner não ficou à mercê das diferentes filosofias pelas quais atravessou e resistiu a tentação de se tornar um erudito. Papel preponderante nessa resistência está no fato de que o dramaturgo permaneceu “fiel ao seu Si-mesmo superior”. Wagner está, portanto, na contramão de seu tempo, fato que o transforma em um extemporâneo.

Nietzsche identifica que o “Si-mesmo superior” de Wagner faz exigências de “ações plenas” e impõe ordenamentos: “Seu Si-mesmo superior que exigiu ‘de seu ser polifônico ações plenas’ e lhe ordenou que sofresse e aprendesse” (NIETZSCHE. WB/Co. Ext. IV §3. 2008, p.31. Trad.: Modificada). Essa constatação é relevante, pois indica que o “Si-mesmo superior” é capaz de determinar e de ordenar.

Em textos preparatórios para a quarta *Extemporânea* é possível encontrar indicativos importantes sobre essa questão.

– Ele [Wagner] passa não só através do fogo, mas também através do vapor do conhecimento e da aprendizagem - com essa lealdade a um Si-mesmo superior, ou, mais corretamente, através da lealdade de um Si-mesmo superior para com ele, que o tirou dos seus perigos

mais difíceis uma e outra vez (FP/Nachlass 12[31] – Final do verão de 1875).

Fica claro, assim, que a fidelidade não é propriamente de Wagner para com seu “Si-mesmo superior”, mas deste para com Wagner, ou seja, o “Si-mesmo superior” atua como uma força interior que, repetidamente, resgata o artista nos momentos mais desafiadores. O trecho do texto preparatório indica também que o “Si-mesmo superior” conduziu às tarefas e foi responsável diretamente por retirar Wagner dos perigos mais graves, haja vista que exigia dele ações totais e o fazia sofrer e aprender. Foi dessa forma que o artista sofreu os “perigos das intenções”. Todavia, sua maestria fez com que sua arte se servisse justamente dessas intenções, ou seja, a própria arte de Wagner, “uma nova arte”, era uma “luta obscuramente para a luz” e “um remédio para si mesmo”. A resultante desse embate levou o dramaturgo ao estado de prostração, de “grave doença”.

Ao determinar que ela [sua arte] fosse por sua vez o remédio para si mesmo, para o homem moderno e finalmente para a vida em geral, caiu na doença mais grave em que um artista pode cair, a das intenções determinadas (Nachlass/FP, 12[31] – Final do verão de 1875).

É no confronto com a modernidade que Wagner tornou-se um extemporâneo, haja vista que teve que lidar com o fardo de seu tempo. Dessa forma, a arte de Wagner, diferentemente da arte moderna que assume como “tarefa” o “embotamento ou embriaguez! Adormecimento ou atordoamento!”, transfigura e justifica na medida em que, desde sua origem, se revelou como um “espetáculo primoroso” que, embora “doloroso”, expressava “razão, lei e fins”. Assim, também o “devir” do artista atua como uma “necessidade transfiguradora e justificadora”. Neste processo também o expectador pode vislumbrar na arte de Richard Wagner a alegria e o “proveito da natureza e do talento predestinado” (NIETZSCHE. WB/Co. Ext. IV §6. 2008, p.45).

A relação entre Wagner e o espectador de sua arte só é possível na medida em que o artista possui a capacidade de se comunicar com o outro de forma semelhante à maneira como se comunica consigo mesmo. “Ao sucumbir aparentemente à natureza transbordante e expansiva de Wagner, o observador participa dessa força e se torna de algum modo poderoso através dele e contra ele” (NIETZSCHE. WB/Co. Ext. IV §7. 2008, p.47). O artista, teria, assim, uma “demoníaca capacidade de transposição e do despojamento de si” capaz de criar um centro de gravidade e de servir como um modelo capaz de confrontar os tempos modernos através de sua arte. “Sua arte nos permite vivenciar tudo o que uma alma experimenta ao longo de suas caminhadas, compartilhando outras almas e seus destinos, aprendendo a olhar o mundo com muitos olhos” (*Idem; Ibidem.*, p.47). Dessa forma, diante da arte de Wagner, o observador é confrontado consigo mesmo, pois se depara com sua própria pequenez e fragilidade, sendo levado a questionar o verdadeiro significado da música para si. Portanto, o observador participa da “expressão mais poderosa da vida de Wagner”, da imensidão de sua força. Aquele que se dispõe em relação a Wagner e o toma como modelo dá um passo

decisivo para romper com a letargia e a inércia características da modernidade. Assim, em contraposição à modernidade e suas características débeis, o artista encara a solidão e o sofrimento, volta-se para si mesmo, de modo que “através de sua arte, ele fala apenas consigo mesmo, não mais com um público ou com um povo” (NIETZSCHE. WB/Co. Ext. IV §8. 2008, p.56).⁹

Na décima seção da quarta *Extemporânea* Nietzsche identifica que Wagner abriga em si o “instinto artístico mais poderoso” que acaba por compartilhar com todos aqueles que meditam sobre sua arte. “Se ele conseguiu transformar seu instinto em conhecimento, espera então que se desencadeie na alma de seus leitores o processo inverso: eis a perspectiva que o leva a escrever” (NIETZSCHE. WB/Co. Ext. IV §10. 2008, p.73). Assim, Richard Wagner se transforma no “dramaturgo ditirambico” após enfrentar uma luta consigo mesmo, visto que abrigava em si também o mundo contraditório do seu tempo.¹⁰ Isto é, Wagner era filho de seu tempo e para superá-lo teve que enfrentar uma luta “feroz e sinistra”, em que silenciou aquilo que escutava desse mundo. Foi dessa forma que então lhe veio o “pensamento dominante” de que “o teatro poderia exercer um incomparável efeito, o maior efeito de todas as artes” [...] (NIETZSCHE. WB/Co. Ext. IV §8. 2008, p.51). O mestre de *Bayreuth* aspirava, assim, a alcançar um poder artístico inédito, pois buscava expressar seus ideais por meio da ópera. “Compreendia a grande ópera como um meio de expressar seu pensamento dominante; seus desejos eram impulsionados por ela, seu olhar se dirigia a essa pátria” (*Idem; Ibidem.*, p.51).

As características fundamentais do “Si-mesmo superior” de Richard Wagner sinalizam a adoção de um projeto mais amplo que envolve uma unidade de “estilo” em uma junção da

9 O “Si-mesmo superior” de Wagner assinala a “união” de duas forças poderosas. Quais sejam, o próprio “Si-mesmo superior” e seu irmão violento e mais terreno, um impulso imperioso. Essa união faz com que o primeiro não agracie mais seu irmão violento, mas tenha que amá-lo e servi-lo. O mais delicado e puro é assim acolhido pelo mais poderoso. O “Si-mesmo superior” está em casa, desce à terra e reconhece sua imagem em tudo o que é terreno. “Toda etapa posterior da trajetória de Wagner foi caracterizada pela união, cada vez mais estreita, entre as duas forças fundamentais de seu ser: diminui a reserva de uma diante da outra, o Si-mesmo superior já não agracia com seus serviços seu irmão violento e mais terreno, ele o ama e deve servi-lo (NIETZSCHE. WB/Co. Ext. IV §8. 2008, p.53). No termo desse desenvolvimento, o mais delicado e o mais puro passam a ser acolhidos pelo mais poderoso, o impulso impetuoso segue seu curso como antes, mas a partir de caminhos diferentes, nos quais o Si-mesmo superior está em casa; este, por sua vez, desce à terra e reconhece sua imagem em tudo o que é terreno”. É verificável, portanto, um processo de integração entre forças opostas: o “mais delicado e puro” e o “mais poderoso”. À medida que o desenvolvimento avança, essas características aparentemente opostas encontram harmonia. O “impulso impetuoso” mantém sua força, mas segue por caminhos mais elevados, guiados pelo “Si-mesmo superior” (*Idem; Ibidem.*, p.53).

10 Importa lembrar que a extemporaneidade pensada por Nietzsche está ancorada em sua crítica histórica desenvolvida na segunda Consideração Extemporânea *Sobre a utilidade e a desvantagem da história para a vida* na medida em que a afirmação do “Si-mesmo superior” não se limita a modelos individuais, mas implica igualmente uma relação ativa e seletiva com o passado. Assim, a extemporaneidade de Schopenhauer e Wagner se inscreve em um horizonte cultural, na qual a relação com a história torna-se condição para o encontro de si mesmo (NIETZSCHE. HL/Co. Ext. II. 2017, p.37ss). No entender de Nehamas, em *Nietzsche: Life as Literature*, aquele que pratica a história crítica, descrita na segunda *Consideração*, é justamente aquele que seleciona do passado o que é útil para criar a si mesmo resistindo à homogeneização do seu tempo (NEHAMAS, 1985).

tragédia grega com o drama musical capaz de contrapor o que Nietzsche designa de “filiteísmo” na cultura.¹¹

Dessa forma, a extemporaniedade de Wagner se materializa em uma feroz contraposição aos tempos modernos, na fidelidade a si mesmo e na superação das ameaças que o assediavam. Nietzsche ressalta que o artista não estava engajado diretamente em mudar a modernidade. O que faz de Wagner um modelo é justamente o fato de permanecer em si mesmo, diferindo nisso dos eruditos. Papel preponderante é exercido pelo “Si-mesmo superior”, haja vista que é ele quem resgata Wagner dos perigos representados pelas ideias de seu tempo e o transforma no “dramaturgo ditirambico”, em um “centro de gravidade” capaz de fazer orbitar todos aqueles que se dispõem à sua arte.

CONCLUSÃO

O projeto das *Considerações extemporâneas* assinala a contraposição de Nietzsche ao projeto da moderna cultura européia, haja vista que essa assume como características fundamentais a perda da individualidade, a massificação, a inércia e a covardia, de modo que o extemporâneo visa colocar em evidência justamente características distintas como a pessoalidade, a autenticidade e a coragem. Ora, essas características são justamente aquelas fornecidas pela noção de “Si-mesmo”, pois ela diz respeito aquilo que é próprio e insuprimível a um determinado indivíduo.

Podemos dizer assim que na terceira e na quarta *Extemporâneas* o “Si-mesmo” se opera em dois níveis: O Si-mesmo do homem moderno e o “Si-mesmo superior” daqueles que servem como modelo para a extemporaniedade. O primeiro se refere ao homem cotidiano saturado pela covardia e pelo temor. A fórmula “Sê tu mesmo” objetiva justamente recuperar a autenticidade perdida. Ocasão em que Nietzsche instiga a uma responsabilidade própria e a seguir somente a si mesmo. Nietzsche também insentiva esse homem a encontrar um “educador” o qual possa servir como modelo na busca do “Si-mesmo superior”. Este, por sua vez, é utilizado por Nietzsche para indicar a extemporneidade de Schopenhauer e de Wagner. O primeiro é identificado como o “educador autêntico”, como aquele que pode auxiliar na tarefa da busca a si mesmo, pois possui aquelas características que faltam aos tempos modernos. Entre essas características está o fato de que Schopenhauer “fala e escreve por si mesmo e para si mesmo” e não para agradar. Ele aspira a si mesmo e ao fazer isso, aspira também a uma natureza forte. Através de Schopenhauer há o reconhecimento da insuficiência de si mesmo de cada indivíduo singular que deve dispor seu “Si-mesmo superior” em relação a

11 Vai nessa direção a interpretação de Giacoia Junior. "O projeto wagneriano de uma obra de arte total seria, portanto, essa força geradora de uma nova cultura, expressão artística das experiências fundamentais que dão origem a uma consciência de si. Esta, por sua vez, seria nutrida pela energia mágica do mito e da música, atuando, na qualidade de potência ética, como substituto da moderna religiosidade caduca, que restauraria os laços efetivos de solidariedade, imprimindo ao povo a unidade de um estilo. E a unidade desse estilo artístico, marcando todas as formas de manifestação da vida de um povo, desde a produção e reprodução da vida material até as esferas superiores da cultura, o que verdadeiramente constitui sua identidade. Essa é a razão de ser da aproximação entre a tragédia grega e o drama musical wagneriano" (GIACOA JUNIOR, 2000. p.21).

um “grande homem”, pois Schopenhauer possui a capacidade de encontrar a força centrípeta nos pupilos “de modo a conduzir todas as forças, seivas e todo brilho solar justamente para auxiliar alguém a atingir a maturidade e a fecundidade corretas de uma virtude” (SE/Co. Ext. III §2).

Na quarta *Consideração Extemporânea* o “Si-mesmo superior” assinala as características extemporâneas de Richard Wagner. A extemporaneidade do artista tem como característica principal a de permanecer “fiel a seu Si-mesmo superior” (WB/Co. Ext. IV §3. 2008, p.31. Trad.: Modificada), pois é ele quem faz exigências de “ações plenas”, impõe ordenamentos, aprendizagens e conduz às tarefas fazendo com que Wagner confronte a modernidade e assuma os riscos desse confronto. Outro ponto característico do dramaturgo está no fato de que se comunica com o outro de forma semelhante ao modo como se comunica com si mesmo. É dessa forma que o observador da arte de Wagner é confrontado consigo mesmo e acaba por participar de sua “expressão mais poderosa”.

Vimos portanto, que o Si-mesmo desempenha o papel de condição para a extemporaneidade, pois é através dessa noção que Nietzsche pode fustigar o homem moderno identificando nele a debilidade e através do “Si-mesmo superior” examina e glorifica as características fundamentais de Arthur Schopenhauer e Richard Wagner para torná-las referências de contraposição ao perdulário tempo moderno.

REFERÊNCIAS

- CARBONEZI. Extemporâneo. In: *Dicionário Nietzsche*. São Paulo: edições Loyola, 2016.
- GIACOIA JÚNIOR, Osvaldo. *Nietzsche*. São Paulo: PUBLIFOLHA, 2000. (Coleção Folha explica).
- NEHAMAS, Alexander. *Nietzsche: Life as Literature*. Cambridge: Harvard University Press, 1985.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Considerações extemporâneas I: David Strauss: o devoto e o escritor*. Tradução de André Itaparica. São Paulo: Editora Hedra, 2017.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Considerações extemporâneas II: Sobre a utilidade e a desvantagem da história para a vida*. Tradução de André Itaparica. São Paulo: Editora Hedra, 2017.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Considerações extemporâneas III: Schopenhauer como educador*. Tradução de Clademir Araldi. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2020.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Considerações extemporâneas IV: Richard Wagner em Bayreuth*. Tradução de Anna Cavalcanti. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Humano, demasiado humano*. Um livro para espíritos livres. volume I. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2000.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Aurora: Reflexões sobre os preceitos morais*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2016.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Assim Falou Zaratustra*. Um livro para todos e para ninguém. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2012.

NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculos dos Ídolos*. Ou de como filosofar com o martelo. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2006.

NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce Homo*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. *Digital e Kritische Gesamtausgabe Werke und Briefe* (eKGWB). (Digital critical edition of the complete works and letters, based on the critical text by G. Colli and M. Montinari, Berlin/ New York, de Gruyter 1967, edited by Paolo D'Iorio). In: <http://www.nietzschesource.org>. Acesso: em várias datas.

Artigo Submetido em 12/09/2025 e aprovado em 19/05/2025

Breves informações sobre o autor: Doutor em filosofia pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Professor de filosofia do Instituto Federal da Fronteira sul (IFSUL-Bagé). Doutoranda em filosofia pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Professora de filosofia do estado do Rio de Janeiro.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0607-8450>, <https://orcid.org/0000-0002-0850-388X>.

E-mail: rogeriocorreafil@gmail.com, betafilosofia@gmail.com

Endereço: Avenida Leonel de Moura Brizola, 2501 - Bairro Pedra Branca, Bagé/RS, Rua São Francisco Xavier, 524, Pavilhão Reitor João Lyra Filho, 9º andar, Bloco F, sala 9002-B, Maracanã, Rio de Janeiro " RJ

Editor: Dr. Geraldo Luiz De Mori

Avaliadores: Renata Adrian Ribeiro Santos Ramos, Francisco Alvarenga Junnior